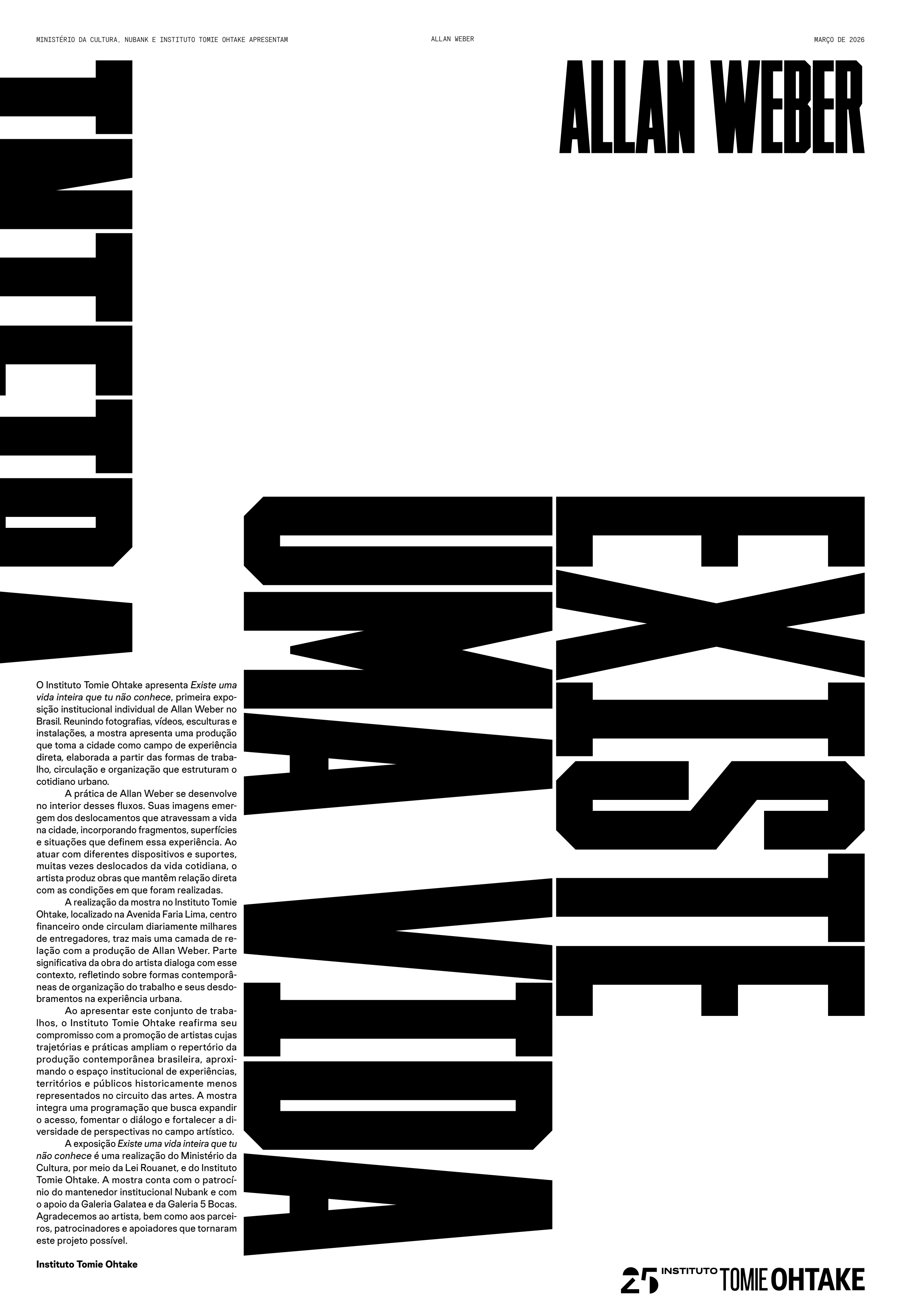




ALLAN WEBER

O Instituto Tomie Ohtake apresenta *Existe uma vida inteira que tu não conhece*, primeira exposição institucional individual de Allan Weber no Brasil. Reunindo fotografias, vídeos, esculturas e instalações, a mostra apresenta uma produção que toma a cidade como campo de experiência direta, elaborada a partir das formas de trabalho, circulação e organização que estruturam o cotidiano urbano.

A prática de Allan Weber se desenvolve no interior desses fluxos. Suas imagens emergem dos deslocamentos que atravessam a vida na cidade, incorporando fragmentos, superfícies e situações que definem essa experiência. Ao atuar com diferentes dispositivos e suportes, muitas vezes deslocados da vida cotidiana, o artista produz obras que mantêm relação direta com as condições em que foram realizadas.

A realização da mostra no Instituto Tomie Ohtake, localizado na Avenida Faria Lima, centro financeiro onde circulam diariamente milhares de entregadores, traz mais uma camada de relação com a produção de Allan Weber. Parte significativa da obra do artista dialoga com esse contexto, refletindo sobre formas contemporâneas de organização do trabalho e seus desdobramentos na experiência urbana.

Ao apresentar este conjunto de trabalhos, o Instituto Tomie Ohtake reafirma seu compromisso com a promoção de artistas cujas trajetórias e práticas ampliam o repertório da produção contemporânea brasileira, aproximando o espaço institucional de experiências, territórios e públicos historicamente menos representados no circuito das artes. A mostra integra uma programação que busca expandir o acesso, fomentar o diálogo e fortalecer a diversidade de perspectivas no campo artístico.

A exposição *Existe uma vida inteira que tu não conhece* é uma realização do Ministério da Cultura, por meio da Lei Rouanet, e do Instituto Tomie Ohtake. A mostra conta com o patrocínio do mantenedor institucional Nubank e com o apoio da Galeria Galatea e da Galeria 5 Bocas. Agradecemos ao artista, bem como aos parceiros, patrocinadores e apoiadores que tornaram este projeto possível.

Instituto Tomie Ohtake

EXISTE UMA



Allan Weber. *Sem título*. 2025. Banco de motocicleta, capacete de motociclista, cordas, cabos, corrente metálica e chupeta. 109 x 46 x 24 cm. Coleção Allan Weber. Foto: Rafael Salim.

NÃO CONHECE

VIDA INTEIRA QUE TU

ANA ROMAN
E CATALINA BERGUES
CURADORAS

A frota de helicópteros particulares em São Paulo é maior que a de cidades como Nova York e Tóquio: são mais de quatrocentas aeronaves registradas cruzando o céu mais de duas mil vezes diariamente, formando uma segunda camada de circulação paralela àquela que acontece no chão. Essa infraestrutura aérea responde a uma lógica de segregação socioespacial¹ que permite a uma parcela restrita da população deslocar-se sem enfrentar os constrangimentos que organizam a experiência urbana da maioria. Lá de cima, a cidade é desenho: linhas contínuas, fluxos organizados, deslocamentos sem fricção aparente. No asfalto das vias, ela é feita de interrupções.

O trabalho de Allan Weber, reunido na exposição *Existe uma vida inteira que tu não conhece*, toma como ponto de partida a fricção entre a cidade como experiência concreta e a cidade como miragem – entre aquilo que se vive e aquilo que se imagina: a mostra se inscreve nessa separação entre quem observa a cidade a distância e quem depende dela para trabalhar. Não é irrelevante que a mostra aconteça no Instituto Tomie Ohtake, situado na Avenida Faria Lima, centro financeiro onde circulam diariamente milhares de motoboys. Impulsionado pela lógica das plataformas digitais, o trabalho dos entregadores é apresentado com promessas de autonomia e empreendedorismo, enquanto se organiza sob condições marcadas pela instabilidade, pela ausência de garantias e pela transferência de risco ao próprio trabalhador. Seu deslocamento sustenta a cidade, mas esse trabalho não garante estabilidade financeira, direitos nem reconhecimento social equivalente.

O céu da cidade, porém, não pertence apenas aos helicópteros. Em muitos bairros, ele é atravessado por outras presenças: pipas que recortam o horizonte, churrascos e festas nas

1 A segregação socioespacial é compreendida como um processo estrutural da produção da cidade, baseado na apropriação desigual do espaço, no papel do Estado e nas dinâmicas do capitalismo urbano. Ver: VIEIRA, Alexandre Bergamin; MELAZZO, Everaldo Santos. *Introdução ao conceito de segregação socioespacial*. Formação (Online). Presidente Prudente, v. 1, n. 10, p. 161-173. 2003. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/1118>. Acesso em: 23 fev. 2026.



Allan Weber. *Sobe balão*, da série *Traficando arte*. 2021. Impressão em papel Canson Photo Rag Stock 308g/m² Matte. 75 x 50 cm. Coleção Allan Weber. Foto: Rafael Salim.

lajes, caixas-d’água no alto das casas e lonas de baile que escondem o que não é para ser visto do céu. O céu, aqui, também é espaço social. Esses elementos, construídos a partir de um saber prático e compartilhado nas ruas, aparecem de forma recorrente nos trabalhos de Allan Weber, cuja prática reposiciona o corpo no espaço urbano, inscrevendo-o em outra relação com a cidade.

Nascido em 1992 e criado na comunidade 5 Bocas, em Brás de Pina, na Zona Norte do Rio de Janeiro, Allan Weber constrói sua prática a partir de uma experiência direta com as infraestruturas improvisadas, as técnicas e as formas de circulação que organizam a vida urbana. Antes de se dedicar integralmente à arte, trabalhou como estoquista, vendedor, assistente e motoboy, deslocamentos que moldaram sua percepção da cidade como campo simultâneo de trabalho, convivência e produção de imagens. Seu primeiro contato com a fotografia surgiu quando ele era ainda jovem, no convívio com o skate e com seu entorno imediato, experiência que permanece como fundamento de sua produção.

Foi durante a pandemia de covid-19, entre 2020 e 2022, período marcado pelo isolamento social e pela expansão acelerada do trabalho por aplicativos, que sua produção fotográfica passou a ganhar maior reconhecimento. Enquanto grande parte da cidade se recolhia, milhões de entregadores sustentavam seu funcionamento sob condições de risco e instabilidade. Foi nesse contexto que surgiu a série *Tamo junto não é gorjeta*, realizada a partir da vivência do artista como motoboy, que se intensificou nesse período. A câmera não ocupa uma posição externa, mas se insere no interior desse circuito, registrando os intervalos entre uma entrega e outra, a espera, o cansaço e os momentos de suspensão que estruturam essa rotina. Suas imagens não constroem um retrato heroico nem organizam uma denúncia direta, mas revelam a experiência cotidiana do trabalho em sua duração. O título parte de uma frase recorrente dirigida aos entregadores, “Tamo junto”, uma expressão aparentemente solidária que evidencia a distância entre quem realiza o trabalho e quem dele depende.

Formalmente, suas imagens se definem pelo uso de filtros, pelo contraste e pela circulação entre dispositivos diversos, frequentemente em baixa definição, com granulações e variações de luz que aproximam figura e ambiente. Cenas cotidianas, como o interior de mochilas térmicas, alimentos e fragmentos do percurso, deixam de ser apenas registro e passam a interessar pela dimensão escultórica e simbólica que esses objetos podem assumir ao serem deslocados e transformados. Quando voltadas às pessoas, as imagens não constroem retratos estáveis: corpos aparecem em fragmentos, recortados pela proximidade e pelo movimento, seguindo a lógica da própria cena e da movimentação na qual se inscrevem. Essa mesma orientação estrutura o fotolivro *Existe uma vida inteira que tu não conhece*, publicado de forma independente e que dá título a esta exposição. Nele, Weber reúne imagens realizadas no exercício do trabalho e na convivência cotidiana na periferia do Rio de Janeiro.

Após a fotografia, Weber passou a desenvolver essas mesmas explorações formais no campo da instalação e da produção de objetos. Trabalhando com elementos que integram os sistemas técnicos da vida cotidiana, como caixas-d’água, estruturas metálicas, rodas, bancos de motocicleta e lonas de baile funk, ele os desloca para o espaço expositivo, onde passam a organizar divisões, planos e direções de circulação que reorientam o corpo no ambiente. Vistas a distância, essas composições estabelecem um diálogo com a tradição construtiva e geométrica brasileira, pela ênfase na estrutura, na repetição e no equilíbrio. No entanto, aqui o projeto é outro: tais experiências dão visibilidade ao que o artista denomina *tecnologias de existência*, isto é, modos de construir, sustentar e organizar o espaço que emergem de contextos historicamente mantidos fora do campo artístico.

Nas esculturas da série *Nós que sustenta na raça*, colunas formadas pelo empilhamento de caixas-d’água condensam soluções associadas à autoconstrução e à gestão cotidiana de recursos, deslocando esse repertório para dentro espaço expositivo. Esse mesmo princípio orienta as instalações compostas de bancos de

O QUE DESPERTOU SEU INTERESSE PELA ARTE? COMO O LUGAR ONDE VOCÊ VIVE E A CIRCULAÇÃO PELA CIDADE FORAM CONSTRUINDO SEU OLHAR E SUAS REFERÊNCIAS?

ALLAN WEBER

Eu aprendi a pixar com um amigo na escola em que eu estudava, e meu pai era pixador também. Depois, comecei a frequentar uma reunião de pixadores na Lapa, no Rio de Janeiro, toda sexta-feira. Lá, tinha de tudo: gringo, rock, reggae, rap, enfim, coisas que não existiam na 5 Bocas, a favela no Rio de Janeiro onde eu nasci e vivo até hoje. Para pixar tem que escolher o nome de pixador, o lugar, a cor da tinta, o tempo que a pixação vai permanecer no lugar – e tem que assumir um risco, tá ligado? Tudo isso expressa a identidade de cada pixador na cidade e, assim como a arte, é também uma forma de expressão.

O pixo me levou pra Lapa, onde conheci o skate, que me levou ao meu primeiro emprego de estoquista na Urca, que depois me levou pra Ipanema, que me fez começar a frequentar diariamente o bowl da Lagoa. Foi lá que entrei em contato com a fotografia e a moda. Isso foi se construindo por causa da minha circulação pela cidade. Mas minhas primeiras referências vieram da 5 Bocas, principalmente pelas ações do dono da favela. Uma das coisas que ele fazia eram os desenhos das camisas do time de futebol da comunidade, e esses desenhos ficavam na minha casa porque meu pai produzia as camisas.

Allan Weber. *Sem título*, da série *Dia de baile*. 2024. Lona sobre placa. 39 x 24 cm. Coleção Allan Weber. Foto: Rafael Salim.





Allan Weber. Sem título, da série *Tano junto não é gorjeta*. 2020. Hahnemüle Photo Rag 308g/m². 40 x 60 x 3 cm. Coleção Allan Weber. Foto: Rafael Salim.



Allan Weber. Sem título, da série *Tano junto não é gorjeta*. 2020. Hahnemüle Photo Rag 308g/m². 40 x 60 x 3 cm. Coleção Allan Weber. Foto: Rafael Salim.



Allan Weber. *Balançando as barraquinha*, da série *Dia de baile*. 2023. Lona e corda de algodão. Coleção Allan Weber. Foto: Rafael Salim.

motocicleta suspensos por elásticos, nas quais peso, tração e equilíbrio organizam o ambiente e definem a maneira como o corpo o atravessa. Cada elemento participa de um sistema de tensões que sustenta o conjunto e ativa o espaço como uma composição em permanente ajuste.

Essa atenção às tensões sociais e à vida cotidiana também atravessa as formas de convívio que Allan estrutura em seu território. Fundada em 2020, na comunidade 5 Bocas, no Rio de Janeiro, a Galeria 5 Bocas é um espaço independente de arte contemporânea criado e mantido pelo artista, onde acontecem exposições, encontros, oficinas e atividades voltadas às crianças e aos moradores. É nesse contexto que Allan desenhou as camisetas de futebol desenvolvidas para serem usadas nos jogos organizados pela própria galeria. Vestidas em campo e depois levadas ao espaço expositivo, elas carregam frases deslocadas da vida cotidiana para estes circuitos – o do futebol e o da arte. O futebol permanece sendo, para muitos desses jovens, uma das formas mais concretas de imaginar outro futuro. Ao aproximar a arte desse mesmo campo de experiência, Allan insere o espaço artístico nessa economia de desejo, circulação e projeção.

Dada a centralidade do deslocamento pela cidade no trabalho do artista, muitas das obras reunidas nesta exposição foram produzidas durante a sua permanência em São Paulo, em contato direto com territórios, objetos e formas de vida que raramente integram as imagens mais difundidas da cidade. Essas experiências

se somam àquelas que atravessam sua trajetória no Rio de Janeiro, estabelecendo continuidades entre contextos distintos.

Em consonância com essa dimensão da circulação, a exposição também propõe um espaço de permanência. Ocupando a icônica sala redonda do Instituto Tomie Ohtake, Allan Weber concebeu um ambiente com três vídeos nos quais distintas experiências de trabalho, lazer e convívio são articuladas ao som de uma trilha de trap – linguagem musical presente no cotidiano de parte significativa da juventude nas cidades contemporâneas.

O título, *Existe uma vida inteira que tu não conhece*, nomeia, de um lado, o desejo de tornar visíveis as pessoas, os objetos e os sistemas informais que sustentam o funcionamento cotidiano da cidade; de outro, ele convoca o público a reconhecer aquilo que permanece desconhecido ou encoberto: outros modos de habitar, circular e negociar a vida no espaço urbano, evidenciando que uma cidade é um campo de disputa.●

COMO O SKATE LEVOU À FOTOGRAFIA? E, DEPOIS, COMO VEIO A NECESSIDADE DE FAZER OS OBJETOS?

AW Comecei a fotografar frequentando a pista de skate na Zona Sul. Eu tinha curiosidade sobre o comportamento e o modo como os skatistas se vestiam. Depois disso, eu comecei a registrar também a minha realidade – porque eu frequentava a Zona Sul, mas aquele não era meu lugar, tá ligado?

Através do skate, eu conheci o artista Zé Tepedino, que na época trabalhava na Osklen e me levou pra fazer assistência lá, e eu comecei a passar muito tempo no estúdio. Eu levava minha câmera e fazia registros de *backstage*, sem compromisso, então passaram a me pedir esse material para usar na documentação e em posts do Instagram. Quando me dei conta, eu já estava viajando com eles, participando das campanhas e

indo para o *backstage* da Fashion Week.

Mas eu queria fazer outras coisas além da fotografia, e consegui transformá-la em objeto na série *Traficando arte*, quando usei as câmeras para fazer uma arma. Depois disso, continuei fazendo objetos, mas nunca parei de fotografar.

Construir objetos em geral é algo que vem da minha história. Quando se é criança e se mora em um lugar que não tem muitas opções para se divertir, como foi na minha infância, a gente precisa inventar nossos brinquedos e brincadeiras – e eu fazia desde o gol até a medalha, usando fio de cobre, para fazer os campeonatos de futebol na rua. Então é uma prática que eu já tenho há muito tempo.

DE QUE MANEIRA O TRABALHO COMO ENTREGADOR CONSOLIDOU O SEU DESEJO DE ATUAR A PARTIR DA SUA REALIDADE?

AW Quando veio a pandemia, fiquei sem os freelas, meu filho tinha acabado de nascer e eu precisava trabalhar, então comecei a fazer entregas de moto por aplicativo. Depois de uma semana, eu percebi que precisava registrar o que eu via – não tinha nenhum entregador fazendo foto em primeira pessoa e contando o que estava acontecendo, tá ligado? Era a gente contando a nossa história.

Com essas fotos, me inscrevi para ganhar a bolsa ZUM, do Instituto Moreira Salles, mas eu não tinha portfólio e nunca tinha participado de uma exposição, então não fui selecionado. Mas esses registros chamaram a atenção do Thyago Nogueira, editor-chefe da ZUM, que me chamou para fazer a capa de uma edição. Em seguida fiquei sabendo da residência do Parque Lage, e me inscrevi com a ideia de compor o meu portfólio – ali comecei a pesquisar a história da arte, conheci muitos artistas e aumentei minhas referências.

No final desse processo, em 2021, construí na piscina do Parque Lage um trabalho da série

Dia de baile – fazendo referência aos bailes que acontecem nas favelas, que geralmente são registrados e apresentados de modo sensacionalista, associados ao tráfico. Naquele momento, eu entendi o meu desejo de trabalhar com o que era próximo a mim, à minha realidade, até porque essas referências não estavam presentes no circuito da arte. Eu levei uma lona e um paredão para a piscina do Parque Lage, para ver se isso também seria associado ao tráfico, mesmo estando em outro contexto. Depois, os jornais acabaram fazendo essa associação, dizendo que os favelados tinham entrado no Parque Lage.

Enquanto estávamos montando o trabalho, os funcionários perceberam as referências e me perguntaram se aconteceria um baile ou pagode, e alguns deles até participaram do evento depois. Teve até gente que mergulhou na piscina e veio me dizer que pensou que nunca poderia fazer algo assim. O meu trabalho é sobre isto: a relação com a pessoa que vai se sentir representada por ele.



DiaszZ. No corre das notas. 2026. Ilustração comissionada para esta publicação.

EM ALGUNS MOMENTOS VOCÊ FALA EM “TECNOLOGIA DE EXISTÊNCIA”. O QUE ISSO SIGNIFICA? E COMO ESSA NOÇÃO APARECE NO SEU PROCESSO ARTÍSTICO?

AW A tecnologia de existência é uma desobediência da tecnologia. A gente sempre tem que dar um jeito, se virar, existir de alguma maneira. Por exemplo, as pessoas que acordam cedo para trabalhar e, com um salário mínimo, têm que dar um jeito de estudar, de cuidar dos filhos, de viver. E têm que se virar no trabalho também, claro. Do mesmo modo, vejo as pessoas que constroem as casas e gambiarras na favela como arquitetas e engenheiras. Esse jeito de se virar é uma tecnologia importante de existência.

O trabalho *Nós que sustenta na raça*, feito com caixas-d’água empilhadas, veio dessa reflexão. Eu sempre convivi com as caixas-d’água nas lajes da favela, e resolvi usá-las para falar sobre a necessidade de se virar para viver e, ao mesmo tempo, sustentar tanta coisa em lugares como esse – porque é essa a classe social que sustenta as outras na raça. Se não tivesse motoboy, como as pessoas iriam comer na pandemia? Como seria sem as pessoas que acordam às cinco horas para trabalhar, pegando ônibus e metrô lotados?



Allan Weber. Máscara bate-bola. Turma Animação. Máscara de uso pessoal do artista. Foto: Raoni Azevedo.

EM 2020, VOCÊ ABRIU A GALERIA 5 BOCAS. QUAL ERA O SEU OBJETIVO AO CRIAR ESSE ESPAÇO?

AW As pessoas me conheciam na 5 Bocas, mas quando comecei a trabalhar com arte, elas não sabiam exatamente o que eu estava fazendo, para além do grafite e da pixação. Isso acontecia porque elas não tinham acesso a esse circuito – existiam muitas ONGs e projetos sociais na favela, mas nenhuma galeria de arte. Então eu abri uma galeria, para mostrar meus trabalhos nesse lugar. No início, ninguém entendeu nada, e isso me deu ainda mais motivação para continuar. Além de expor meus trabalhos, comecei a convidar outros artistas também.

Quando eu comecei a circular em outras partes da cidade por causa da minha inserção no meio da arte, eu não entendia o que as pessoas falavam, e elas também não entendiam o que eu falava. Esse choque de mundos também acontecia quando as pessoas da Zona Sul passaram a frequentar a favela por causa da galeria. A frase “Existe uma vida inteira que tu não conhece”, título do livro que eu publiquei em 2020 e também da

exposição no Instituto Tomie Ohtake, veio disso: na verdade, não é exatamente sobre *conhecer*, é mais sobre *acessar*, sobre uma comunhão. Um lado da cidade não sabe o que acontece no outro lado, e vice-versa. É uma questão de convívio que geralmente não acontece.

Muitas pessoas pensavam que eu ia representar artistas, fazer várias exposições por ano e funcionar como as outras galerias, mas acabei usando métodos diferentes. Queria formatos que aproximassem as pessoas, principalmente os mais novos, e entendi que o futebol e as festas poderiam ser um ponto de encontro com a comunidade. Então criei um time da galeria, que participa de campeonatos e chegou a ser campeão de um deles. Eu também fazia festas para as crianças, no Dia das Crianças e no Natal, dava presentes, tudo com recursos da venda e influência dos meus trabalhos. Isso vem de uma estratégia pensada especificamente para a minha ideia de galeria: menos quantidade e mais qualidade.

Allan Weber. Instalação. 2026. Bancos e capacetes de moto. Coleção Allan Weber. Foto: Jules Lister.



EXPOSIÇÃO Allan Weber – Existe uma vida inteira que tu não conhece	Produção e Coordenação de Montagem Ana Laura e Silva André Luiz Bella Carolina Pasinato Clara Machado Letícia Ferraz de Carvalho Rodolfo Borbel Pitarello Tamara da Silva Pereira Victor Ferraz	Design Gráfico Catê Bloise Pedro Lemme Tie Ito Vitor Cesar	Museologia Bernadette Ferreira Ibarra Bernardo Macena Rita Torquete	Seguro Howden Brasil Consultoria e Corretora de Seguros Ltda.	O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@instituto tomieohtake.org.br .	JORNAL Coordenação Instituto Tomie Ohtake	Revisão Divina Prado Isabela Maia Victor Negri
Realização Instituto Tomie Ohtake		Revisão Divina Prado Isabela Maia Victor Negri	Cenografia Buriti Brasil Katiana Aleixo Cenotécnica e Serralheria Artística	Agradecimentos Galeria 5 Bocas, Antonia Bergamin, Conrado Mesquita, Tomás Toledo, Anita Pastonesi, Galeria Galatea e sua equipe, Raoni Azevedo, Leandro Augusto, DiaszZ e todos os colecionadores que gentilmente cederam suas obras para a exposição.		Projeto Gráfico Catê Bloise Pedro Lemme Tie Ito Vitor Cesar	Licenciamento Ana Laura e Silva Clara Machado
Curadoria Ana Roman Catalina Bergues		Tradução Victor Negri	Iluminação Marcos Cicerone			Textos Allan Weber Ana Roman Catalina Bergues	Impressão Ipsis Gráfica e Editora
	Projeto Expográfico Ligia Zilbersztejn Rian Tito	Acessibilidade Cristina Kenne	Montagem CK Black Art Handler			ISBN 978-65-89342-74-8	

COLOREDO

Mantenedor institucional



Apoio

Acesso Tomie



GALERIA 5 BOCAS



USIMINAS



Apoio de mídia

Realização

